ERAM OS COLONOS ALEMÃES "ISOLADOS"?[1] (RE) INTERPRETAÇÕES DE UMA TESE

WERE GERMAN COLONISTS "ISOLATED"? (RE) INTERPRETATIONS OF A THESIS

Marcos Witt[2]

RESUMO

O presente texto tem como objetivo, em primeiro lugar, verificar se determinados aspectos levantados em minhas pesquisas se confirmam (ou devem ser refutados), especialmente a tese do isolamento atribuída aos imigrantes alemães e seus descendentes. Em segundo lugar, abordar pesquisas mais recentes que tomaram a antiga colônia alemã de São Leopoldo como objeto de estudo. A ideia consiste em localizar elementos nessa historiografia mais recente que estão – ou não – em sintonia com aquilo que desenvolvi e afirmei, em pesquisas anteriores, acerca do tema das migrações. O foco central do presente texto é a discussão em torno da validade da tese do isolamento, segundo a qual colônias alemãs mantiveram-se isoladas e praticamente incomunicáveis ao longo do século XIX e parte do século XX. O recorte espacial compreende as antigas colônias alemãs de São Leopoldo e de Torres, fundadas, respectivamente, em 1824 e 1826.

Palavras-chave: tese do isolamento; imigração alemã; Rio Grande do Sul.

ABSTRACT

This text aims, firstly, to verify if certain aspects raised in my research are confirmed (or should be refuted), especially the thesis of isolation attributed to German immigrants and their descendants. Secondly, it addresses more recent research that has taken the former German colony of São Leopoldo as its object of study. The idea is to locate elements in this recent historiography that are – or are not – in line with what I have developed and asserted in previous research on the topic of migrations. The central focus of this text is the discussion about the validity of the isolation thesis, according to which German colonies remained isolated and virtually uncommunicative throughout the 19th century and part of the 20th century. The spatial scope comprises the former German colonies of São Leopoldo and Torres, founded in 1824 and 1826, respectively

Keywords: *Isolation thesis; German immigration; Rio Grande do Sul.*

1 Inspiro-me no título do livro de Erich von Däniken (2022), "Eram os deuses astronautas?", para intitular o presente texto.

2 Professor no curso de Graduação em História e de Pós-Graduação em História da Universidade de Caxias do Sul - UCS. Associado ao Instituto Histórico de São Leopoldo. Possui graduação (1998) e mestrado (2001) em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos e doutorado em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2008).

La vida no es la que uno vivió,
sino la que uno recuerda
y cómo la recuerda para contarla.

Gabriel García Márquez

PALAVRAS INICIAIS

A edificação da *Magnoliashaus* foi concluída em 10 de agosto de 2019. A casa, que também se configura como espaço cultural, está situada na antiga colônia alemã do Vale do Rio Três Forquilhas, no Litoral Norte do Rio Grande do Sul – LNRS. A partir desta data, passei a conviver mais de perto com o cenário colonial que remonta ao projeto de 1826, quando o governo imperial decidiu fundar uma colônia alemã junto às Torres[3]. Observando mais de perto, pude constatar que determinados aspectos trabalhados nas minhas pesquisas correspondem àquilo que se chama de "real" ou "realidade". Outros, nem tanto. Aproximando-me da condição de antropólogo e de *flâneur*[4], constato que há rupturas e continuidades nesses 200 anos de imigração e colonização alemã no Brasil e no Rio Grande do Sul.

Deste modo, caro leitor, o presente texto está inserido nas comemorações do bicentenário das migrações alemãs no Brasil. O recorte espacial mais específico circunscreve-se ao Rio Grande do Sul, província que recebeu os primeiros imigrantes alemães em julho de 1824. O objetivo que se busca alcançar está dividido em duas partes complementares: depois de alguns anos, verificar se determinados aspectos levantados nas minhas pesquisas se confirmam (ou devem ser refutados), e abordar pesquisas mais recentes que tomaram a antiga colônia alemã de São Leopoldo como objeto de estudo. A ideia consiste em localizar elementos nesta historiografia mais recente que estão – ou não – em sintonia com aquilo que desenvolvi e afirmei em pesquisas anteriores acerca do tema das migrações.

Como *flâneur*, observo os efeitos de longa duração em um espaço de-

3 A partir de 1826, colonos alemães ocuparam parte do Litoral Norte do Rio Grande do Sul – LNRS, sendo que os católicos se fixaram nas terras mais próximas do pequeno vilarejo das Torres, onde havia um assentamento militar. Já os protestantes (evangélico-luteranos) foram enviados ao vale do rio Três Forquilhas, um pouco mais distante das Torres, pois um pastor e um médico acompanhavam esse grupo de agricultores, artesãos e soldados. Sobre os motivos que levaram à divisão da colônia alemã das Torres em dois núcleos, ver o texto esclarecedor de Ruy Ruben Ruschel, "Por que foram os colonos separados por motivos religiosos?" (2000).

4 Aproprio-me da figura muito utilizada pela colega Eloisa Helena Capovilla da Luz Ramos (in memoriam), a qual, em muitos escritos, trouxe a metáfora do flâneur para abordar questões relacionadas ao patrimônio histórico e à memória.

dicado à imigração e colonização no LNRS. Fica cada vez mais evidente que a estratégia da negociação foi um trunfo nas mãos dos imigrantes e de seus descendentes. Sem negociar com as autoridades nacionais e com todos os outros[5] que encontraram nas terras *brasílicas*, sobreviver teria sido ainda mais difícil. No uso da língua, nas reclamações políticas e legais, no exercício da religião e da religiosidade, por exemplo, é possível encontrar traços dessa negociação, que garantiu o acesso à terra, aos mercados locais e provinciais, e à cidadania de segunda ordem, sobretudo para os imigrantes e descendentes protestantes (evangélico-luteranos)[6]. O ato de reclamar, junto ao de solicitar, impregna quase todos os documentos produzidos pelos imigrantes e sobre eles. Uma vez atravessado o Atlântico, muito dificilmente haveria a possibilidade de retorno. Assim, reclamar e negociar constituíram aprendizado básico e imediato para os agricultores, artesãos e soldados trazidos ao Brasil a partir do início do século XIX.

1 A TESE DO ISOLAMENTO

Desde que iniciei as pesquisas sobre o tema das migrações, sobretudo a partir de 1999, tenho trabalhado com questões que giram em torno da tese do isolamento. Essa tese ganha força em três eventos cruciais da história dos imigrantes alemães e de seus descendentes no Brasil: na Primeira Guerra Mundial (1914-1918), durante o Estado Novo (1937-1945) e na Segunda Guerra Mundial (1939-1945, que coincide com o período do Estado Novo)[7]. Nessas três situações, estrangeiros e seus descendentes foram acusados de não integração, ou seja, foram vistos como pessoas que se mantiveram quase exclusivamente vinculadas aos seus países de origem. Na visão de governantes e intelectuais ligados ao governo brasileiro, não quiseram se abrasileirar. Um dos grandes vilões que teria proporcionado o "enquistamento étnico" seria o isolamento vivido pelos imigrantes e seus descendentes desde o século XIX. Outros aspectos, como a germanidade[8], também explicariam os porquês do suposto vínculo com a Alemanha e o

5 Os "outros", neste texto, são os indígenas, os africanos escravizados e libertos, os nacionais (brasileiros) e os demais estrangeiros chegados ao Brasil.

6 Protestantes ou evangélico-luteranos: alemães e descendentes vinculados àquilo que é hoje a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – IECLB.

7 Naquilo que tange à I Guerra Mundial, o livro organizado pelo Programa de Pós-Graduação em História da PUCRS traz diversas abordagens sobre o tema (Ruggiero, Fay e Gertz, 2015). Sobre o Estado Novo e a II Guerra Mundial, Rodrigo Luis dos Santos investiga os dois eventos a partir de trajetórias que congregam educação, política e religião em suas ações (Santos, 2018; Santos, 2021).

8 Em relação à germanidade, ver: Giralda Seyferth (2016), Imgart Grützmann (1999), Isabel Cristina Arendt (2008) e René E. Gertz (1987).

distanciamento com o Brasil.

Contudo, o suposto isolamento extrapola os períodos mencionados. A prova disso é que, já no início da colonização, são produzidos documentos que revelam a preocupação das autoridades brasileiras com o uso exclusivo da língua alemã. O receio de que os imigrantes se isolassem em comunidades muito ou totalmente "fechadas" subjaz ao escrito. Em carta de 14 de maio de 1825, referente à colônia alemã de São Leopoldo, está registrado:

> Parecia-me tambem mui conveniente a criação alli de huma escola das Primeiras Letras destinada á instrucção dos filhos dos Colonos, para cuja despeze (*sic*) e Ordenado assás chega a renda do Subsidio Litterario da Provincia; não escapará de certo ás luzes superiores de V. Ex.ª quanta influencia isso pode ter sobre os costumes, e quanto importa ir destruindo o uzo excluzivo da Linguagem Allemãa (*sic*) (*Revista do Archivo Publico*, 1924, p. 39)[9].

O trecho retirado da correspondência oficial de 1825 evidencia que a educação estava no horizonte das autoridades responsáveis pela instalação da colônia. Porém, a informação mais importante para essa análise encontra-se no final da descrição: a influência sobre os costumes e a destruição do uso exclusivo da língua alemã.

Não há dúvida de que essa foi uma preocupação constante das autoridades do país receptor, ou seja, minimizar os costumes que vinculavam os imigrantes e seus descendentes à pátria-mãe, e torná-los brasileiros o mais rápido possível. Desde o início da colonização, deveria-se romper com o "isolamento" das comunidades imigrantes, e uma das formas de se efetivar tal ação seria através da criação de escolas que ensinassem a língua portuguesa.

Em suma, o documento de 1825 demonstra que o capital imaterial dos imigrantes, especialmente a língua, foi objeto de interesse das autoridades brasileiras desde os primórdios da colonização. Em muitos casos e em muitas situações, creditou-se a manutenção da cultura emigrante ao "isolamento" que as famílias enfrentavam, principalmente as destinadas aos minifúndios. Nesse sentido, uma grande sorte de documentos – e também escritos de muitos viajantes – foi usada a fim de se construir e solidificar a ideia de que a maioria dos imigrantes e seus descendentes manteve

9 Em função das comemorações do bicentenário da imigração alemã, Erny Mügge e Martin N. Dreher organizaram a reprodução da *Revista do Archivo Publico do Rio Grande do Sul*, coletânea de maior importância que reúne documentos dos primórdios da colonização alemã do Rio Grande do Sul. Ver: MÜGGE; DREHER, 2023.

sua cultura – germânica – em função do pouco contato estabelecido com os outros.

De acordo com levantamento historiográfico realizado (Witt, 2022), parte da historiografia que se dedica aos estudos migratórios concorda com a ideia de que os imigrantes e seus descendentes se mantiveram "isolados". Por vontade própria, ou abandonadas pelas autoridades brasileiras, as famílias que compuseram as colônias teriam tido pouca oportunidade de dialogar com outras pessoas que não os seus pares. As dificuldades geográficas, de modo especial os caminhos e as estradas, teriam impedido maior contato entre os próprios colonos, inclusive. Na contramão dessa assertiva, Marcos Justo Tramontini[10] relativizou tal ideia e buscou apresentar ao leitor visão discordante acerca da imigração e colonização. O autor lançou luz sobre a colônia alemã de São Leopoldo e, ao desdobrar os conflitos ocorridos entre os próprios imigrantes e seus descendentes, mas também com os outros, constatou que o universo colonial era muito mais complexo do que parte da historiografia insistia em demonstrar.

Como seu orientando durante o Mestrado em História (1999-2001), cursado no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, busquei seguir os passos do orientador, uma vez que, por razões familiares, e mesmo antes de me tornar um acadêmico, me causava estranheza o discurso do "isolamento". As visitas à antiga colônia alemã do vale do rio Três Forquilhas mostravam-me outra realidade, outra forma de se relacionar, que ia de encontro à ideia de que aqueles colonos estiveram incomunicáveis desde o século XIX. Na dissertação (Witt, 2001), investiguei como os colonos alemães do LNRS participaram da política, tanto no sentido mais geral quanto da política partidária. Ao vasculhar arquivos e acervos pessoais, a probabilidade de se construir assertiva contra o isolamento se solidificava. Contudo, a dissertação ficou circunscrita ao cenário litorâneo e pouco dialogou com outras experiências de colonização.

No doutorado (2004-2008), por sua vez, cursado na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, sob a orientação de René Ernaini Gertz, surgiu a oportunidade de ampliar a experiência investigativa do mestrado. O exercício comparativo, respaldado por metodologia específica desse ramo, permitiu que algumas áreas coloniais dialogassem, sobretudo as antigas colônias, como São Leopoldo, Três Forquilhas e São

10 A tese em História de Marcos Justo Tramontini, *A Colônia de São Leopoldo: a organização social dos imigrantes na fase pioneira (1824-1850)*, defendida na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, em 1997, recebeu orientação de René Ernaini Gertz. Ver: TRAMONTINI, 2000.

Pedro de Alcântara. Desse modo, buscando ainda outras colônias, a fim de agigantar a comparação, rastreei a atividade agrícola, comercial e industrial (da época) de famílias que se destacaram, por mim chamadas de "exponentes". Ao fazer isso, constatei que seus empreendimentos foram vitais para viabilizar o deslocamento de pessoas, mercadorias, impressos e ideias. As vendas (armazéns; comércio) locais, regionais e citadinas atuavam como coração pulsante das colônias, assim como as igrejas e as escolas. O vaivém que ocorria no interior das vendas colocava pessoas, famílias e instituições em permanente contato. Através do estudo desse tipo de comércio, cheguei à conclusão de que a tese do isolamento pouco se sustentava (Witt, 2015).

Além de estudar o perfil econômico das colônias, continuei abordando o cenário político que norteava a vida dos imigrantes e dos seus descendentes. A maioria dos "exponenciais" buscou inserção política, pois ocupar cargos públicos demonstrava clara capacidade de ascensão social. A posse de escravizados seguia essa mesma lógica, ou seja, investir em mão de obra cativa atestava poder econômico e político para tal empreendimento. A inserção econômica e política dos investigados também demonstrou que a mobilidade física (mas também de documentos e de ideias) era condição imprescindível para a conquista e a manutenção de objetivos materiais e imateriais. Mais uma vez, o isolamento parecia não existir.

Muito embora os documentos produzidos pelos diretores das colônias e pelas câmaras municipais instaladas nos núcleos coloniais que recebiam esse tipo de instituição tragam a informação de que era recorrente a denúncia acerca do isolamento a que as comunidades estavam submetidas, percebi que se tratava de estratégia política, com o intuito de conquistar determinadas melhorias para a região. Assim, ao ler as atas da câmara municipal de Santo Antônio da Patrulha e de São Leopoldo, por exemplo, tomei conhecimento de toda sorte de dificuldades quanto à abertura e conservação de estradas. Aí reside o perigo interpretativo, pois muitas vezes se considerou a precariedade dos caminhos como sinônimo de isolamento. Questões geográficas, como rios e serras, reiteradas vezes justificaram o discurso da pouca ou nenhuma comunicação de uma comunidade com o mundo exterior. Assim, agrimensores, comerciantes, militares, padres, pastores, políticos, professores, viajantes nacionais e estrangeiros, dentre outros, produziram documentos importantes, que informam sobre a geografia dos espaços destinados à colonização. Para além disso, deixaram o registro formal de que o acesso às comunidades, bem como o vaivém de mercadorias, deveria ser facilitado através de obras públicas. Contudo, análises posteriores dessa documentação tomaram o discurso ao pé da letra, isto é, relacionaram muito facilmente a precariedade das estradas e pontes com o isolamento. Uma chave interpretativa possível é de que se tratava de

discurso político, afinal, restava muito pouco a não ser denunciar e/ou reclamar junto aos setores competentes.

Em inúmeros documentos, constata-se que a denúncia e/ou a reclamação vinha acompanhada de requerimentos. Quando pesquisei no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul – AHRS pela primeira vez, para o Mestrado em História, exultei quando me foi apresentada a pasta dos requerimentos redigidos pelos ou a favor dos colonos alemães. Praticamente todos os assuntos da vida cotidiana ficaram gravados nesses velhos papéis. Todavia, questões envolvendo a posse da terra (medição, demarcação, titulação, conflitos por divisas e estragos nas plantações) e as dificuldades em se locomover e vender os produtos agrícolas (estradas, pontes, mercados distantes, impostos) ocuparam a maioria dos registros. Os dois assuntos, tão presentes nos requerimentos, são indissociáveis, afinal, plantar significava colher, transportar e vender aquilo que a terra produzia. Se, por um lado, essa documentação escracha a real dificuldade em se locomover, o que envolve os produtos vendidos para os vendeiros (donos das vendas; comerciantes) e os dele comprados, por outro, ilumina a capacidade dos colonos em denunciar, estabelecer conflitos de diversas ordens, buscar recursos e ajuda, selecionar quem pode ajudar e/ou representar, quem são os pares e os nacionais confiáveis e capazes de solucionar problemas que estavam além de suas possibilidades de resolução. Muitos colonos foram representados, conforme se lê nos documentos. Dificuldades com a língua portuguesa, o distanciamento das vilas, onde se encontrava o poder jurídico e policial, e o receio e a desconfiança em relação às autoridades (medo ancestral dos camponeses) explicam a representação nos requerimentos. A arte e a engenharia político-social de tentar resolver problemas que estavam do outro lado da cerca da propriedade, isto é, eram maiores do que as cenas cotidianas vivenciadas pelas famílias, igualmente me fazem pensar que o mundo dos imigrantes e dos seus descendentes não se restringia aos minifúndios recebidos e/ou comprados do governo ou de particulares.

Como exemplo, apresento o requerimento de Felippe Deutsch, Antonio Kreutzburg, Miguel Magnus e outros. Eles eram moradores da colônia alemã católica de São Pedro de Alcântara, e reclamaram da violência praticada pelos vizinhos, os quais, segundo eles, invadiram suas propriedades. O documento apresenta um pequeno histórico das terras, informando que pertenciam ao brigadeiro João Maria Xavier Brito, as quais foram retiradas pelo governo e concedidas a Elias Silveira. Logo depois, repartiram-nas em quatro colônias (minifúndios), dadas aos solicitantes. O documento denuncia que os invasores envolveram os suplicantes em processos dispendiosos e questões judiciais: "*alguns colonos têm sido processados pelas autoridades policiais do lugar, acontecendo simplesmente que as autoridades são justamente aquelas que*

reclamam as terras, ou seus parentes e amigos". No final, há a sugestão para que se proceda nova demarcação, em toda a Colônia alemã das Torres, pois o estado em que ela se encontra é um obstáculo ao seu desenvolvimento.[11]

A título de fechamento do presente subcapítulo, prezado leitor, quis trazer evidências de que o isolamento dos imigrantes alemães e dos seus descendentes pode ser relativizado. Há o perigo de se interpretar o recebimento de terras incultiváveis, a ausência e/ou a precariedade de caminhos e estradas, e a manutenção do uso de línguas alemãs como sinal de isolamento. Essas questões atravessaram a vida dos agricultores e artesãos em praticamente 150 anos de sua história no Brasil (do total de 200 anos). Pode-se dizer que algumas comunidades ainda enfrentam dificuldades assim, como as decorrentes das chuvas e enchentes ocorridas no Rio Grande do Sul, neste ano de 2023. Isso não significa que as comunidades de Caraá, no LNRS, ou de Roca Sales, no Vale do Taquari, estejam isoladas, sujeitas às intempéries, porque foram instaladas em locais indevidos e/ou de difícil acesso. Ao mesmo tempo, o isolamento é discurso, é estratégia política que visa a preencher lacunas, e resolver necessidades importantes para uma comunidade. No próximo subcapítulo, o tema continuará a ser abordado sob a luz de recortes historiográficos que, espacialmente, têm a antiga colônia alemã de São Leopoldo como *locus* privilegiado de pesquisa.

2 SÃO LEOPOLDO HISTORIOGRÁFICA

A Conforme explicitado no subcapítulo anterior, a orientação acadêmica recebida de Marcos Justo Tramontini serviu de norte para as minhas pesquisas. Antes de realizar o Mestrado em História, já havia sido orientado por ele no Trabalho de Conclusão de Curso em História, na mesma universidade (UNISINOS, 1993 a 1998). Nesse trabalho, pesquisei sobre os colonos alemães católicos de São Pedro de Alcântara e os colonos alemães protestantes do Vale do Rio Três Forquilhas que possuíam escravizados em suas propriedades. Alguns deles tinham um número significativo de cativos, levando em conta que se tratava de minifúndio e atividade agrícola-artesanal. Mesmo sendo a minha primeira pesquisa acadêmica, ficou claro que a posse de escravizados colocava esses colonos na vitrine social da época, ou seja, tinham recursos financeiros para comprar e manter os cativos, e capital político para mapear e se inserir nos jogos econômico-sociais do Oitocentos brasileiro. Ao localizar as famílias que utilizavam escravizados em seus serviços domésticos e fabris, perguntei-me como tão rapidamente

11 AHRS – Diretor Geral das Colônias Alemãs – Lata 296 – Maço 67 – Ofício n. 7 – Torres – 1851.

conseguiram interresar o *modus vivendi* da sociedade receptora (Witt, 2014). A partir daí, passei a desconfiar da segurança e da certeza com que se propalava a tese do isolamento.

Ao estudar mais profundamente a historiografia da imigração alemã, impactei-me com a tese de doutorado de Janaína Amado, da década de 1970[12]. Como Tramontini, estabeleci um longo diálogo com a produção de Amado, pois o tema encantava (os *Mucker*), e a construção analítica era respaldada por ampla documentação (fontes variadas de qualidade inquestionável). Para a minha pesquisa, o tema específico da tese doutoral de Amado não se configurava como o aspecto mais relevante. Interessou-me a análise sobre a economia e a sociedade colonial, especialmente a atuação de lideranças políticas e econômicas, como os vendeiros. Mesmo discordando de determinados pontos defendidos pela autora, sua análise da sociedade colonial deu corpo e densidade a uma das minhas teses centrais, isto é, de que as colônias alemãs instaladas no Brasil eram comunicáveis, e não ilhas isoladas. Sendo uma tese de 1970, o suporte teórico-metodológico adotado por Amado acompanhou aquilo que se pensava e discutia naquele momento. O ponto mais discordante se refere à ideia de que os primeiros anos de vida da colônia alemã de São Leopoldo (1824-1846) teriam sido marcados por uma espécie de fraternidade e harmonia, que garantiram a cooperação e a reciprocidade entre as famílias. A documentação levantada por Tramontini, e depois por seus discípulos, bem como a feitura de outras perguntas para as fontes clássicas da imigração, revelaram um cenário complexo e conflituoso, que bate de frente com a análise de Amado.

No entanto, a importância da contribuição da tese de Janaína Amado vai muito além. Para o tema específico, os *Mucker*, significou uma nova abordagem, acadêmica e isenta; para São Leopoldo, trouxe o sabor das relações políticas, econômicas e sociais inquiridas a partir de discussões tão presentes na década de 1970, sob a ótica da História Econômica. A antiga colônia alemã de São Leopoldo se revelou íntima e cotidiana nas mãos de Amado. Para o presente texto, sua tese contribui no sentido de clarear o quanto a colônia era viva e pulsante, no que se refere às relações entre os próprios colonos alemães e entre estes e os outros.

Vinte e um anos depois, outra tese tomaria a colônia alemã de São Leopoldo como estudo. À semelhança de Amado, não no aspecto teórico-metodológico, Tramontini mergulhou nas entranhas políticas e conflitu-

12 A tese de Janaina Passos Amado, em História Econômica, defendida na Universidade de São Paulo, em 1976, foi publicada em duas edições, 1978 e 2002. Ver: AMADO, Janaína. *A revolta dos Mucker.* 2. ed. São Leopoldo: UNISINOS, 2002; AMADO, Janaína. *Conflito Social no Brasil*: a revolta dos "Mucker". São Paulo: Símbolo, 1978.

osas dos colonos alemães. Desse modo, o autor inovou ao verticalizar sua análise e considerar os conflitos ocorridos no seio da colônia não como mácula, mas sim como estratégia político-social dos imigrantes alemães e seus descendentes. O falecimento precoce do historiador, em 2004, interrompeu sua vida acadêmica individual; no entanto, a orientação recebida permitiu que mestrandos, doutorandos e mesmo outros interlocutores dessem prosseguimento à sua análise e forma de ver o espaço colonial. Atendendo aos propósitos do presente texto, os autores citados até este momento, e os que ainda serão abordados, contribuíram para a minha própria formação e, mediante seus estudos, mantiveram-me firme quanto à relativização da tese do isolamento.

Dando prosseguimento à análise, em 2003, o espaço onde ocorreu o conflito *Mucker* foi alvo de nova investigação através da tese de doutorado de Doris Rejane Fernandes [Magalhães]. A pesquisadora analisou como senhores, homens livres, colonos e escravos se relacionaram na ocupação nordeste da antiga colônia alemã de São Leopoldo. Parte dessa região testemunhou a formação e a dissolução do movimento *Mucker*. Conhecedora da região, após levantamento exaustivo de fontes, Fernandes esmiuçou todas as formas de acesso à terra, fato que incluía a compra e a venda legal, mas, em muitos casos, as posses informais decorrentes de lacunas jurídico-legais e/ou conflitos de magnitudes diversas. Assim sendo, se Fernandes voltou-se à ocupação do território, ao mercado de terras, Dalva Neraci Reinheimer (2010), em sua tese em História, investigou a criação e o desenvolvimento da navegação fluvial na República Velha rio-grandense, exemplo de negócio que combinava capital da iniciativa privada e do setor público. No mestrado em História, em 1999, Reinheimer já havia se dedicado ao tema das navegações, vinculando os rios à criação e ligação das colônias alemãs com a capital da província, Porto Alegre. Os trabalhos de Fernandes e Reinheimer se complementam, pois o espaço destinado à colonização, em permanente transformação – agrária, econômica e política –, tornou-se objeto de investigação das autoras.

Nos estudos de Fernandes e Reinheimer, encontro subsídios para relativizar a tese do isolamento. A expansão do mercado de terras mediante o crescimento da primeira colônia alemã da província do Rio Grande do Sul não deixa dúvidas sobre o constante movimento em busca de novas terras para o assentamento de imigrantes recém-chegados e/ou das primeiras gerações nascidas em solo brasileiro. A dinâmica da compra e venda de terras, a publicidade em torno desse negócio e os documentos de foro íntimo, como cartas, postais e diários, confeccionados para dar notícias e amainar a saudade, atestam o poder de comunicação das e entre as famílias imigrantes. Maíra Ines Vendrame (2017) e Martin N. Dreher (2019), por exemplo, es-

tudam esse tipo de fonte, pela qual é possível mapear não somente as sensibilidades, mas, de modo muito evidente, as questões políticas e econômicas que perpassavam o dia a dia dos imigrantes e seus descendentes.

Do Núcleo de Estudos Teuto-Brasileiros – NETB[13], vinculado ao Programa de Pós-Graduação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, Martin N. Dreher elaborou um projeto de pesquisa a fim de desvendar os equívocos que rondavam a vinda e a fixação dos emigrantes de Mecklenburg-Schwerin, Alemanha. Originaram-se desse projeto o livro que trata dos degredados de Mecklenburg-Schwerin e dos primórdios da imigração alemã no Brasil (2010), organizado por Dreher, e a dissertação de mestrado em História de Caroline von Mühlen (2013), a qual recompôs trajetórias de ex-prisioneiros deste estado alemão, a fim de analisar a exclusão e a inclusão social nos movimentos migratórios destinados ao Rio Grande de São Pedro oitocentista. A tese em História da mesma autora (2017) investiga, de forma inovadora, criminalidade, justiça e cotidiano na colônia alemã de São Leopoldo, entre os anos de 1846 e 1871. A tese de Mühlen exemplifica, com precisão, o trânsito possível entre a pesquisa municipalista e a produção acadêmica. De igual modo, a dissertação de mestrado em História de Miquéias H. Mügge (2012) analisa a formação de guardas nacionais, hierarquias sociais e cidadania na Província do Rio Grande do Sul, tendo como recorte espacial a colônia alemã de São Leopoldo, na segunda metade do século XIX. Mügge chama a atenção para um dos temas menos explorados na discussão historiográfica da imigração alemã. O autor demonstra que a vida militar ou similar, no Oitocentos, afetava e, por vezes, transtornava o cotidiano dos imigrantes alemães e seus descendentes.

Os estudos de Mühlen e Mügge trazem novos elementos para a análise em curso. Imigrantes indesejados, criminosos e presos, soldados e cidadãos comuns ganham vez e voz em suas pesquisas. Um dos pontos originais é o incremento da complexidade social vivenciada pelos habitantes – todos – da primeira colônia alemã instalada na província mais ao sul do então Império brasileiro. A questão geográfica merece destaque, pois a proximidade com a capital, Porto Alegre, a mobilidade permitida por todos os rios que ali desaguam e a fronteira aberta com os países limítrofes

13 Arthur Blásio Rambo criou o Núcleo de Estudos Teuto-Brasileiros – NETB, em 1990. Mais tarde, Isabel Cristina Arendt e Martin N. Dreher se somaram ao grupo de pesquisadores atuantes no núcleo. Em seu interior, projetos de pesquisa, trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses nasceram, e contribuíram para a historiografia da imigração alemã. Em 2017, os responsáveis pelo NETB, Eloisa Helena Capovilla da Luz Ramos, *in memoriam*, Maíra Ines Vendrame, Marcos Antônio Witt e Paulo Roberto Staudt Moreira, redimensionaram o núcleo, alterando o seu nome para Centro de Estudos Internacionais de História das Mobilidades, Diásporas e Migrações – CEMIDI.

(hoje, Uruguai e Argentina), permitiam deslocamentos, chegadas e saídas, encontros e desencontros de pessoas que poderiam ser, ou não, imigrantes alemães e seus descendentes. Aventureiros, caixeiros-viajantes, funcionários públicos, religiosos, soldados, tropeiros, viajantes, dentre outros, como bem demonstram Mühlen e Mügge, se aproximaram, alguns se fixaram, outros se retiraram, da antiga colônia alemã de São Leopoldo.

Mediante o grau de verticalização da pesquisa dos autores mencionados, pergunto-me como as comunidades formadas por agricultores e artesãos, às vezes desestabilizadas pela presença de estranhos, os de fora, poderiam estar isoladas, incomunicáveis e politicamente apáticas. As pesquisas aqui referidas demonstram dinamicidade e complexidade, em um cenário oitocentista, próprio de um país continental que ainda estava em formação, sobretudo no sul. É neste contexto que o projeto de imigração e colonização para o Brasil é pensado e posto em prática.

PALAVRAS FINAIS

A título de fechamento do presente texto, devo deixar muito claro que as obras selecionadas representam uma pequena parte da historiografia da imigração alemã. A quantidade de escritos acadêmicos e não acadêmicos que abordam este tema é imensa. Portanto, seria inviável consultá-los e inseri-los em tão poucas linhas. Para se ter ideia da grandiosidade numérica, a listagem bibliográfica a respeito da imigração alemã no Rio Grande do Sul, organizada por René Ernaini Gertz e disponível em seu site, aponta, hoje, para aproximadamente 5.800 títulos! (https://www.renegertz.com/ Acesso em 27/9/2023, às 10h28min). Ao mencionar a complexa classificação da historiografia da imigração alemã, acadêmica e não acadêmica, indico a leitura do texto "A historiografia das migrações alemãs no Bicentenário (1824-2024)" (Witt, 2022), publicado no livro organizado por Karl Monsma (2022). Neste capítulo, pude aprofundar a análise sobre a historiografia que se dedica aos estudos migratórios. Em vários aspectos, ele complementa o presente texto.

Uma das complementaridades diz respeito ao âmago da discussão aqui apresentada, isto é, em que obras, ou tipo de obras, o isolamento é mais facilmente encontrado. Em primeiro lugar, nos escritos não acadêmicos, também identificados como memorialistas. É muito característico neste tipo de narrativa enaltecer os imigrantes e seus descendentes, após terem vencido todas as dificuldades encontradas, desde o momento em que decidiram emigrar. A saída da aldeia, a viagem e a chegada aos portos europeus, a travessia do Atlântico, as primeiras semanas no Brasil, o deslocamento até as colônias e, por fim, o início dos trabalhos nos minifúndios. Vencidas

todas essas barreiras, os imigrantes e seus descendentes são metamorfoseados em heróis, distinção muito atribuída aos pioneiros. De modo algum se quer negar todas as dificuldades encontradas e todas as promessas não cumpridas por parte de governos e particulares que se envolveram com a empresa imigratória. Ao contrário, o capital trazido pelos imigrantes e ressignificado na América foi fundamental para garantir a sobrevivência nos países receptores (Relly, 2022).

Na outra margem historiográfica, encontra-se a produção acadêmica, fruto das pesquisas desenvolvidas nos programas de pós-graduação. Em artigos, capítulos, dissertações e teses, o tema da imigração alemã aparece seguindo as orientações da academia, tanto no que se refere à pesquisa quanto à escrita e à publicação. Em muitos trabalhos, a diversidade de fontes consultadas aumenta o espectro da análise, permitindo resultados inovadores ou que relativizam velhas assertivas. Ainda assim, o isolamento é capaz de se mostrar, especialmente quando as questões geográficas e de infraestrutura são confundidas com a suposta incapacidade de comunicação das comunidades imigrantes. Caminhos intransitáveis não bloqueavam o trânsito de mercadorias/produtos, pessoas e ideias. Afora isso, como já afirmado, "chorar", reclamar, denunciar e solicitar/requerer eram ferramentas que orbitavam entre a oralidade e a escrita. Em muitos casos, se configuraram como os únicos canais de comunicação possíveis, interligando o local ao provincial.

Ao fazer menção às rupturas e continuidades, penso que a tese do isolamento se insere na esfera da longa duração. Ao constatar que o isolamento permeia obras acadêmicas e não acadêmicas, em maior ou menor grau de análise e difusão, reflito sobre o peso e a constância de determinados aspectos que definem a identidade dos imigrantes e seus descendentes. Mesmo em autores jovens e atuais (Braun, 2022), o isolamento ganha força e é propagado em espaços distintos, com ênfase nas comunidades imigrantes. Em filmes, a ideia de comunidades isoladas assume feições de lugares idílicos ou amedrontadores, como em *Walachai* (2011) e *A Colmeia* (2019). A identidade é um conceito fundamental para a compreensão e análise da permanência da tese do isolamento. Como a identidade é negociada (Lesser, 2001), o pêndulo historiográfico reflete, de alguma maneira, as tendências teóricas e metodológicas que pesquisadores com perfis muito diferentes utilizam.

Vale ressaltar que a reflexão que norteou as páginas que o leitor tem em mãos se dá no âmbito das comemorações do bicentenário das migrações alemãs para o Brasil, com foco no Rio Grande do Sul (1824-2024). Ao relativizar a tese do isolamento, objetivei, de igual modo, retirar certos ró-

tulos que identificam os imigrantes e seus descendentes. Nem vítimas, nem heróis, nem bandidos, nem mocinhos. Os agricultores, os artesãos e os soldados trazidos ao Brasil, ou que vieram por iniciativa própria, se configuraram como sujeitos históricos ativos, políticos, participantes, portanto, de todas as esferas sociais e culturais ao seu alcance. É certo que tudo isso foi marcado por rupturas e continuidades, e que o acesso aos bens materiais e imateriais variou de acordo com as redes e as estratégias que as comunidades, as famílias e os indivíduos conseguiram manejar. O mundo imigrante oscilava, era dinâmico e repleto de complexidades que atravessavam todos os espaços, desde o local até o global.

Por fim, constato, mediante o exposto, que a antiga colônia alemã de São Leopoldo continua a oferecer aos pesquisadores contínuas e promissoras oportunidades de investigação. Como uma experiência única e inovadora do início do século XIX, a comunidade formada às margens do rio dos Sinos é um laboratório que serve especialmente às ciências humanas. O microscópio dirigido à antiga colônia alemã de São Leopoldo amplia o mundo oitocentista e novecentista, interligando realidades locais e globais. Partindo dessa premissa, vejo conexões, mobilidades e circulações — empalidecido e frágil, o isolamento.

***

Para encerrar, mesmo que momentaneamente, recupero a epígrafe que abre o presente texto. Desde que li a autobiografia de Gabriel García Márquez, as palavras cuidadosamente selecionadas pelo escritor para falar de memória retornam com força e lucidez. Concordo totalmente com sua afirmação: a vida é 'cómo la recuerda para contarla'. No confronto entre memória e história, a provocação do autor estremece e faz pensar sobre o papel do historiador. A discussão em torno do isolamento parcial ou total das comunidades imigrantes é um pouco assim… Desde a academia, penso em como homens e mulheres do Oitocentos agiram, reagiram; na incapacidade de dialogar com as pessoas físicas que viveram aquela época, aproprio-me do jogo entre memória e história para narrar, ficcionalmente (mesmo que baseado em fontes históricas), o cotidiano de imigrantes e seus descendentes. Pode parecer pouco – e não é –, mas é o limite da produção histórica em favor daqueles que permaneceriam presos às memórias individuais e coletivas, produzidas por si e/ou pelos outros.

REFERÊNCIAS

AMADO, Janaína. *A revolta dos Mucker.* 2. ed. São Leopoldo: UNISINOS, 2002.

AMADO, Janaína. *Conflito Social no Brasil*: a revolta dos Mucker. São Paulo: Símbolo, 1978.

ARENDT, Isabel Cristina. *Educação, religião e identidade étnica*: o Allgemeine Lehrerzeitung e a escola evangélica alemã no Rio Grande do Sul. São Leopoldo: Unisinos, 2008.

BRAUN, Felipe Kuhn. *Famílias teuto-brasileiras*: história e genealogia. São Leopoldo: Oikos, 2022.

DÄNIKEN, Erich von. *Eram os deuses astronautas?* São Paulo: Melhoramentos, 2022.

DREHER, Martin N. *190 anos de imigração alemã no Rio Grande do Sul*. Esquecimentos e lembranças. 3. ed. São Leopoldo: Oikos, 2019.

DREHER, Martin N. *Degredados de Mecklenburg-Schwerin e os primórdios da imigração alemã no Brasil*. São Leopoldo: Oikos, 2010.

FERNANDES [MAGALHÃES], Doris Rejane. *Terras, senhores, homens livres, colonos e escravos na ocupação da fronteira no Vale do Sinos*. Tese (Doutorado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. São Leopoldo, 2003.

GERTZ, René. *O fascismo no sul do Brasil*: germanismo, nazismo, integralismo. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

GRÜTZMANN, Imgart. *A mágica flor azul*: a canção em língua alemã e o germanismo no Rio Grande do Sul. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. Porto Alegre, 1999.

LESSER, Jeffrey. *A negociação da identidade nacional*: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil. São Paulo: UNESP, 2001.

MÁRQUEZ, Gabriel García. *Vivir para contarla*. 2. ed. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2002, s/p.

MONSMA, Karl (Org.). *Passado e presente de imigrantes alemães e descendentes no Brasil*: historiografia, representações, atividades econômicas, participação política, religião e identidades. Porto Alegre: Editora Fundação Fênix, 2022.

MÜGGE, Erny; DREHER, Martin N. (Orgs.). *Os primórdios da colônia alemã de São Leopoldo*. Reprodução fac-simile da *Revista do Archivo Publico do Rio Grande do Sul* – 1924, com relatos de João Daniel Hillebrand e outras personalidades. São Leopoldo: Oikos, 2023.

MÜGGE, Miquéias. *Prontos a contribuir*: guardas nacionais, hierarquias sociais e cidadania (Rio Grande do Sul – século XIX). São Leopoldo: Unisinos; Oikos, 2012. [Volume 3 – Coleção EHILA – PPGH – UNISINOS].

MÜHLEN, Caroline von. *Réus e vítimas*: criminalidade, Justiça e cotidiano em uma região de imigração alemã (São Leopoldo, 1846-1871). Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. Porto Alegre, 2017.

MÜHLEN, Caroline von. *Degredados e imigrantes*: trajetórias de ex-prisioneiros de Mecklenburg-Schwerin no Brasil Meridional (século XIX). Santa Maria: UFSM, 2013.

REINHEIMER, Dalva Neraci. *A navegação fluvial na República Velha gaúcha*. São Leopoldo: Oikos, 2010.

REINHEIMER, Dalva Neraci. *As colônias alemãs, rios e Porto Alegre:* estudo sobre imigração alemã e navegação fluvial no Rio Grande do Sul (1850-1900). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. São Leopoldo, 1999.

RELLY, Eduardo. *Sob a sombra dos commons*: capital social, meio ambiente e imigração alemã no Brasil meridional. São Leopoldo: Oikos, 2022.

RUGGIERO, Antonio de; FAY, Cláudia Musa; GERTZ, René E. (Orgs.). *Vivências da I Guerra Mundial*: entre a Europa e o Brasil. São Leopoldo: Oikos, 2015. [Vol. 18 da Coleção EHILA – PPGH-UNISINOS].

RUSCHEL, Ruy Ruben. Por que foram os colonos separados por motivos religiosos? In: ELY, Nilza Huyer (Org.). *Terra de Areia:* marcas do tempo. Porto Alegre: EST, 2000, p. 38-41.

SANTOS, Rodrigo Luis dos. *Um caminho, múltiplas trajetórias*: Carlos de Souza Moraes e sua atuação política e intelectual no Rio Grande do Sul (1933-1998). Tese (Doutorado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. São Leopoldo, 2021.

SANTOS, Rodrigo Luis dos. *Tramas enlaçadas*: política, religião e educação no Rio Grande do Sul da primeira metade do século XX. Porto Alegre: Editora Fi, 2018. [E-book].

SEYFERTH, Giralda. *Estudos sobre a imigração alemã no Brasil*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2016.

TRAMONTINI, Marcos Justo. *A organização social dos imigrantes*. A Colônia de São Leopoldo na fase pioneira (1824-1850). São Leopoldo: Unisinos, 2000.

VENDRAME, Maíra Ines. "Com tinta do meu sangue". Redes e mobilida-

des através das cartas de um imigrante italiano. In: BENEDUZI, Luis Fernando; DADALTO, Maria Cristina (Orgs.). *Mobilidade humana e circularidade de ideia*. Diálogos entre a América Latina e a Europa. Venezia: Edizioni Ca'Foscari, 2017, p. 67-78.

WITT, Marcos Antônio. A historiografia das migrações alemãs no Bicentenário (1824-2024). In: MONSMA, Karl (Org.). *Passado e presente de imigrantes alemães e descendentes no Brasil*: historiografia, representações, atividades econômicas, participação política, religião e identidades. Porto Alegre: Editora Fundação Fênix, 2022, p. 23-60.

WITT, Marcos Antônio. *Em busca de um lugar ao sol*: estratégias políticas (Imigração alemã – Rio Grande do Sul – século XIX). 2. ed. São Leopoldo: Unisinos; Oikos, 2015. [Volume 19 – Coleção EHILA – PPGH-UNISINOS].

WITT, Marcos Antônio. Sobre escravidão e imigração: relações interétnicas. *História: Debates e Tendências*, Passo Fundo: UPF, vol. 14, p. 21-35, 2014.

WITT, Marcos Antônio. *Política no Litoral Norte do Rio Grande do Sul*: a participação de nacionais e de colonos alemães. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. São Leopoldo, 2001.

Recebido em: 30/10/2023
Aceito em: 15/02/2024